

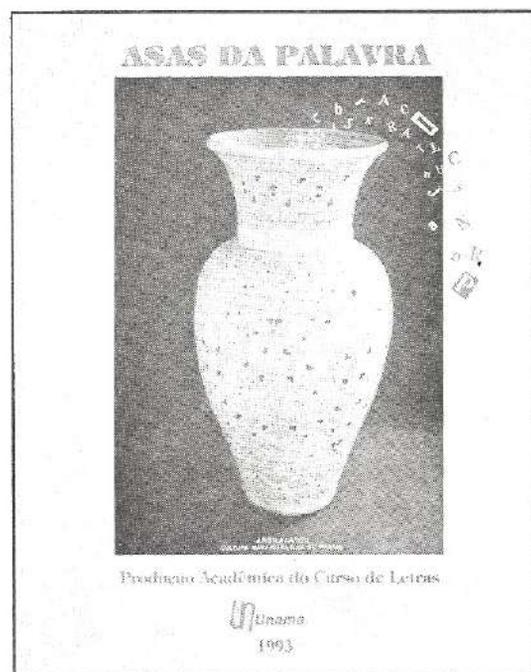
Apresentação - quase um histórico

O número seis da Revista Asas da Palavra dá continuidade ao Projeto Literatura Amazônica Comentada, que gerou a revista, em 1993, a partir de uma idéia ousada de alguns professores e alunos do Curso de Letras da, então, UNESPa.

Naqueles tempos, a Instituição fervia aquecida pelo calor do entusiasmo de vê-la se transformando em Universidade, quando todas as atenções e esforços estavam voltados para a concretização do grande desejo. Mas, na cabeça de Josse Fares, Paulo Nunes e na minha, também latejava um outro sonho: criar uma revista do Curso, que tivesse como tema gerador um escritor da Amazônia de nome significativo e que sobre ele se escrevessem artigos, ensaios, estudos enfim.

O nome escolhido, para esse número zero, de caráter experimental, foi ENEIDA, cronista de Belém. Mulher forte, apaixonada pelas coisas da Amazônia, com uma obra tão significativa quanto fora sua vida; mulher paraense que quebrou padrões estabelecidos pela sociedade da época durante longo tempo, e que deu e dá exemplo de coragem, determinação e luta contra as impossibilidades do mundo.

A dificuldade da feitura da revista foi a primeira barreira: “não há tempo, não há recurso, no momento”. (Talvez, também, não houvesse crenças no pequeno Curso de Letras). Mas Eneida nos inspirou, “vamos fazer a nossa revista de qualquer maneira”. Alunos e professores, unidos, conseguimos de uma gráfica, em Ananindeua, a Compugraph, dirigida por dois jovens - Lauro e Paulo - a promessa da impressão, com pagamento para sessenta dias, com a condição de que levássemos a revista toda digitada e com as cópias em “off-set”. Rogério Soeiro, meu filho, digitou e formatou os textos e o Dr. Adriano Queiroz Santos, nosso amigo, cedeu a impressora do seu cartório, durante a madrugada, para tirarmos as cópias. Quase não houve tempo para revisão: “Não importa. Queremos a nossa revista homenageando a primeira universidade particular da Amazônia, no dia da sua instalação”.



Assim, com uma capa simples, modesta e um reduzido número de páginas (25) para um pequeno conjunto de textos escritos por alunos e professores, apenas uma foto de Eneida junto com outros amigos, mas com uma dedicatória à nova Universidade, recebi, dos gráficos sujos de tintas, mas solidários, os 100 únicos e ainda quentes exemplares, os que tinham conseguido imprimir, para que distribuíssemos, entre os convidados e autoridades presentes, na recém inaugurada Galeria de Arte da Universidade da Amazônia, na noite do dia 27 de novembro de 1993. Os outros 100 exemplares foram todos vendidos, alegremente, pelos alunos e professores do Curso para pagar a dívida nos dias posteriores.

Eneida nos dera sorte... A mesma Eneida que rasgara as tábuas da lei; transgredira e rompera com o seu cotidiano, vivera e experimentara glória e fracassos, alegrias do carnaval carioca, sentira saudades do cheiro do Pará e que desejava, apenas, escrever com simplicidade.

O grão, que Eneida inspirou o plantio, se multiplicou. Fomos questionados, criticados, mas continuamos plantando, com a lembrança das forças de Eneida calando as vozes de nossas inseguranças inevitáveis.

O projeto Asas da Palavra e essa série de publicações tornou-se, então, um evento regular e permanente na nossa Universidade. Agora, a Revista é publicada semestralmente, sob a coordenação de um grupo maior, coeso

e ligado, seguramente, por uma grande afetividade que ultrapassa os limites do cotidiano acadêmico.

O Banco Itaú acreditou no projeto, garantiu o patrocínio. Assim editamos Waldemar Henrique, Ruy Barata, Mestre Izoca, Dalcídio Jurandir, Bruno de Menezes e ainda um número especial comemorativo aos 100 anos do Cinema, em edições

cada vez mais bem cuidadas e, o que é importante - distribuídas a todas as universidades brasileiras, escolas, bibliotecas e núcleos literários do Pará. Dessa forma, não só evidenciamos a expressão cultural do homem da Amazônia como também atingimos os objetivos do Projeto e da UNAMA - valorizar a cultura amazônica.

É com esse mesmo objetivo que dedicamos este número seis, em sua quase totalidade, novamente à Eneida - que já merecia uma edição melhorada. As imagens e os textos, aqui reunidos, são o produto infatigável de memória, tanto pessoal quanto coletiva. Memória capaz de operar nas linhas das diferenças, com documentos do passado confrontando-se com a emergência do presente, tal qual quis a cronista: "... abrir a minha Aruanda, meu passado e meu presente, para que ela deixe de ser apenas minha e se torne de todos ..." (Eneida, Aruanda).

Seguindo o veio de memória, a Revista apresenta, depois da cronologia da vida e da obra, em várias páginas, um conjunto de imagens da Belém de outrora, dá época áurea da borracha, tempo da Eneida jovem, menina. São imagens da cidade e que lhe permaneceram sempre no sótão da alma, junto às histórias da infância e que aparecem se comunicando com trechos de suas crônicas, num processo de escavação, de arqueologia; o desenrolar de um fio que nasceu no ventre amazônico e que teceu a sua vida inteira.

Adiante, como num abrir e fechar de portas, retratos e palavras de Eneida, falando de suas fantasias e estranhezas, frustrações e desejos; inquietações, confrontos, revelações ... Os mesmos que se remexem atrás das frestas do chamado inconsciente - não apenas dela, mas de todos nós, sua gente, porque "todo escritor fala por muitos". E são muitas e diversas as falas sobre Eneida, nesta Revista. Algumas recolhidas de arquivos particulares, de jornais, de revistas; da boca de pessoas amigas e de parentes. Textos do passado que precisavam tornar-se conhecidos das novas gerações, para as quais, pelo documento que representam, é muito importante recuperar.

Os demais, atuais, são representações em palavras dos olhares que se debruçaram sobre o texto eneidiano, a partir de perspectivas, distintas algumas, semelhantes outras. Olhares de Rosa Assis, Josse Fares, Márcia Feijó, Antonio Evandro Pessoa, Sérgio Sapucahy, Lucilinda Teixeira, Helenice Nazaré da Cunha Silva, Eunice Ferreira dos Santos e José Arthur Bogéa. Este, no ano de 1993, logo após o ousado lançamento do número zero da Revista, a despeito de tudo e de alguns, escreveu artigo consistente, de página inteira, em jornal paraense, aplaudindo a proposta de Asas da Palavra, criticando construtivamente e estimulando para que o projeto tivesse continuidade. Como foi importante aquele gesto, que certamente não foi gracioso. José Arthur Bogéa é conceituado professor da UFPa. e crítico literário de renome. O seu parecer foi, juntamente com outras referências, enviado à direção do Banco Itaú, quando solicitávamos o patrocínio para a publicação da Revista.

E é esse patrocínio conquistado com o empenho do Dr. Paulo Roberto Carvalho Batista, diretor financeiro da UNAMA, que tem possibilitado o nosso caminhar até aqui, com um número cada vez maior de páginas, o que nos permite a (re)inclusão da seção *Tirando de Letras*, um espaço aberto para estudos da linguagem, como são os trabalhos de Socorro Cardoso e Hilton Silva, o que atinge assim mais um outro objetivo do Projeto.

Esta nossa Revista Asas da Palavra que ora apresentamos e entregamos à comunidade está pronta para o enfrentamento às vezes amoroso e às vezes belicoso das críticas, mas com o nosso sentimento e a nossa lucidez de que errar é inevitável e ousar é necessário. São esses elementos mágicos que nos fazem dar passos à frente, alçar vôos maiores, arriscar abismos, correr riscos. E, como fez Eneida, "... optar, assinar em baixo e pagar todos os preços ..."

Maria Célia Jacob

Coordenadora do Curso de Letras da UNAMA